

Cornelius Van Til

por

John W. Robbins

Nos últimos quarenta e cinco anos, desenvolveu-se um mito em volta de um teólogo da Filadélfia que, sozinho, com as suas mãos, desmoronou as forças das trevas intelectuais, um pensador tão profundo e tão ortodoxo que ele não é nada menos do que um novo Copérnico. Nesse ensaio, pretendo examinar esse mito e o homem por detrás dele, Professor Cornelius Van Til, do Seminário Teológico de Westminster.

O Professor Van Til é o objeto de extrema lealdade e reverência por muitos de seus estudantes. Essa atitude tem tanto causas como conseqüências. Uma de suas conseqüências é uma quase total falta de discussão crítica das idéias distintivas de Van Til. Alguns dos seguidores de Van Til nem mesmo parecerem entender suas idéias. Eles têm sido encantados pelo mito que cerca o alto e belo professor de teologia. Um dos biógrafos do Professor Van Til foi tão enganado pelo mito que ele falsifica um pouco da história concernente a Van Til. Adoração heróica é uma característica proeminente de muitos dos seguidores de Van Til, e o cristão comum é tanto desorientado como embaraçado pelos sons e pelo espetáculo de saudações e palmas que ocorrem em certos círculos. Nós não podemos acusar, e nem acusamos, o Dr. Van Til pelo comportamento de seus seguidores. Ele é indubitavelmente mais inteligente do que a maioria, senão todos, eles.

Se o Professor Van Til fosse tudo o que os seus discípulos crêem que ele seja, haveria uma boa razão para a reverência, estupefação, lealdade e devoção. Se Van Til tivesse feito todas as coisas que ele é reputado como tendo feito, se ele fosse todas as coisas que ele é reputado como tendo sido, este escritor estaria entre os primeiros a reunir sua companhia de admiradores. Mas há uma descontinuidade (para usar uma das palavras favoritas de Van Til) entre o homem e o mito. Tal abismo entre o homem e o teólogo legendário faz com que toda essa lealdade e admiração esteja deslocada. Após alguém penetrar o mito, o que pode ser feito somente lendo as próprias palavras de Van Til — uma tarefa que poucos parecem ter feito ou estarem dispostos a fazer — o contraste entre o homem e o mito é assustador. O teólogo das proposições místicas traz pouca semelhança com o Professor Van Til, que ensinou no Seminário Westminster por quarenta e cinco anos. Nas próximas poucas páginas examinarei e explicarei diversos aspectos de sua obra, abrangendo desde o estilo de seus escritos até às suas doutrinas sobre Deus e a Bíblia. Em todas essas áreas, será visto que ele falha em encontrar padrões escriturísticos para professores cristãos, e pelo menos em dois casos, ele comete erros tão graves que heresia é a única palavra apropriada para descrever o seu ensino, durante toda a sua vida, sobre Deus e a Bíblia.

O VAN TIL MITOLÓGICO

“Os *insights* de Van Til”, escreve John Frame, do Seminário Teológico de Westminster, “são transformadores de vidas e do mundo” (Richard Pratt, *Every Thought Captive*, [Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1979], viii). “Dr. Van Til”, diz Richard C. Pratt, Jr., é “indubitavelmente o maior defensor da fé cristã em nosso século” (*ibid.*, xi). O prolífico autor, Rousas Rushdoony, crê que “em toda área de pensamento, a filosofia de Cornelius Van Til é de importância crítica e central” (E. R. Geehan, ed. *Jerusalem and Athens*, [Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1971], 348). Frame crê que a “contribuição [de Van Til] para a teologia é de dimensões virtualmente Copérnicas... quando alguém considera a exclusividade de sua posição apologética e então considera as implicações dessa apologética para a teologia, essa pessoa procura por superlativos para descrever a significância da abordagem abrangente de Van Til” (Gary North, ed. *Foundations of Christian Scholarship*, [Ross House Books, 1976], 295). Em outro artigo, Frame descreve Van Til como “um pensador de enorme poder, combinando ortodoxia inquestionável com originalidade deslumbrante... Van Til... é, talvez, o pensador cristão mais importante do século vinte” (*New Horizons*, [Revista da Igreja Presbiteriana Ortodoxa], Outubro de 1985, 1).

Talvez sentindo que ele está perigosamente perto de se exceder, Frame concede que “Van Til não é perfeito ou infalível” (4). E Frame adiciona “outra importante admissão de Van Til”: “Ele [Van Til] me disse que ele não cria que suas visões distintivas deveriam se tornar um teste de ortodoxia na igreja. Ele não as considerava ter algum tipo de caráter final e definitivo” (*ibid.*). O historiador C. Gregg Singer crê que “Cornelius Van Til tem dado à igreja uma apologética verdadeiramente monumental” (*Jerusalem and Athens*, 328). Há quarenta anos atrás, Van Til já tinha sido descrito como “um gigante teológico” por um dos seus admiradores. Esse é o Van Til legendário, o teólogo sobre quem é necessário dizer, para que o leitor não tenha uma impressão errada, que ele não era nem perfeito nem infalível. Como esse caráter legendário se enquadra com o teólogo real? Examinemos seus escritos e vejamos.

VAN TIL O COMUNICADOR

Deus está preocupado com a clareza de Sua revelação e demanda que os professores cristãos sejam claros em seu pensamento e ensino. Por exemplo, em Deuteronômio 27:2-8 Moisés e os anciões deram um mandamento ao povo: “No dia em que passares o Jordão à terra que te der o SENHOR, teu Deus, levantar-te-ás pedras grandes e as cairás... Nestas pedras, escreverás, mui distintamente, as palavras todas desta lei”. O Senhor ordenou a Habacuque (2:2): “Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo”. Lucas escreveu seu evangelho porque “a mim me pareceu bem...dar-te por escrito...uma exposição em ordem... para que conheças...”.

Cristo falava ao povo em parábolas porque Ele desejava confundi-los, mas aos seus discípulos Ele falava claramente. “Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido... Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e,

ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis”. (Mateus 13:10-14; veja também Marcos 4). Paulo pregava o Evangelho claramente, eurgia que ele fosse ensinado claramente nas igrejas: “Agora, porém, irmãos, se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina? É assim que instrumentos inanimados, como a flauta ou a cítara, quando emitem sons, se não os derem bem distintos, como se reconhecerá o que se toca na flauta ou cítara? Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha? Assim, vós, se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis?... Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim” (1 Coríntios 14:6-11).

O CULTO DA NÃO-INTELIGIBILIDADE

Em contraste com essa idéia bíblica de clareza, a qual foi também o ideal de Calvino e até mesmo de Hegelian, um filósofo do século vinte, a prosa de Van Til é freqüentemente não-inteligível. Essa própria não-inteligibilidade é transformada pelos discípulos apaixonados de Van Til num sinal de grande inteligência e profundidade. Assim, um dos biógrafos de Van Til, William White Jr., relata os procedimentos de um banquete no Seminário de Westminster: “...o mestre de cerimônias estava apresentando o agradável holandês. ‘Há uma controvérsia hoje sobre quem é o maior intelecto desse segmento do século vinte’, disse o mestre de cerimônia. ‘Provavelmente a maioria das pessoas votariam no culto Dr. Einstein. Eu não. Eu desejo apresentar como meu candidato para a honra o Dr. Cornelius Van Til’ (Aplausos ruidosos) ‘Minha razão para fazer isso é: somente onze pessoas no mundo entendem Albert Einstein... Ninguém — mas ninguém no mundo — entende Cornelius Van Til’” (*Van Til-Defender of the Faith*, [Thomas Nelson Publishers, 1979], 181-182). Certamente, o mestre de cerimônia estava sendo humorístico, mas foi um humor com um ponto. Tivesse Van Til não sido não-inteligível, não poderia haver tal piada.

Essa tendência de assumir que a não-inteligibilidade implica em inteligência, aprendizado ou profundidade superior pode explicar em grande parte a popularidade de Van Til. Ela pode explicar também porque ele é tão freqüentemente citado e citado indevidamente e porque o seu nome é tão freqüentemente invocado por pessoas que não entendem o que ele escreveu. John Frame, o aparente herdeiro de Van Til no Seminário de Westminster, deseja que ele “tivesse um níquel para cada discurso que eu já ouvi no presbitério ou em outro lugar, quando alguém pensou que estava expondo Van Til e estava na verdade mortalmente errado” (*New Horizons*, 1-2).

A PRÁTICA DA NÃO-INTELIGIBILIDADE

Agora, certamente, Van Til não pode ser responsabilizado pela impetuosidade ou pela ignorância de alguns dos seus discípulos. Mas ele pode e deve ser culpado por um estilo de escrita que tão facilmente leva ao mal-entendimento. Em seu pequeno panfleto, *Toward A Reformed Apologetics*, Van Til confessa, sob o título “Retractions and Clarifications” [Retratações e Clarificações]: “Eu nem sempre

deixei perfeitamente claro que na apresentação de Cristo aos homens perdidos, devemos apresentá-Lo como Ele é. Ele nos disse o que Ele é nas Escrituras. Aparentemente, eu tenho dado ocasião às pessoas para pensarem que eu sou especulativo ou *filosófico* primeiramente e *bíblico* depois” (sem publicador, sem data, página 24, a ênfase é de Van Til).

Numa entrevista na *Christianity Today* em 1977, Van Til fez as seguintes declarações, todas num mesmo parágrafo. Compare sua terceira sentença com sua sexta, e você terá alguma idéia do porque entendê-lo é muito difícil: “Minha preocupação é que a demanda para não-contradição quando levada à sua conclusão lógica reduz a verdade de Deus à verdade do homem. É anti-escriturístico pensar sobre o homem como autônomo. O fundamento comum que temos com o incrédulo é o nosso conhecimento de Deus, e eu me refiro repetidamente a Romanos 1:19. Todas as pessoas inevitavelmente conhecem a Deus odiando a Deus. Depois disso eles precisam ter o verdadeiro conhecimento restaurado a eles no segundo Adão. Eu nego o fundamento comum com o homem natural, morto em delitos e pecados, que seguem o deus deste mundo” (*Christianity Today*, 30 de Dezembro, 1977, 22). Na terceira sentença ele diz: “O fundamento comum que temos com o incrédulo é o nosso conhecimento de Deus...”. Na sexta sentença ele diz: “Eu nego o fundamento comum com o homem natural”. O que é isso? Ou o incrédulo não é um homem natural, e o homem natural não é um incrédulo? Temos um fundamento comum com o homem natural, o incrédulo, ou não temos? Ou estamos fazendo uma pergunta tola baseada na mera lógica humana?

Essa contradição é gritante, todavia, alguém encontra contradições similares por todas as obras de Van Til. O que é igualmente embaraçoso, contudo, é o seu uso de frases sem sentido. Na primeira sentença, o que “reduz a verdade de Deus à verdade do homem” significa? Certamente soa mal, mas significa alguma coisa? Van Til está advogando uma teoria de dois tipos de verdade? Além do mais, como insistir que declarações não-contraditórias “reduzem a verdade de Deus à verdade do homem”? O homem é inventor da consistência lógica, ou Deus reivindica ser? Há qualquer sombra de mudança em Deus? Ele não é o mesmo ontem, hoje e eternamente? A Escritura pode ser quebrada? Deus é autor de confusão?

Igualmente importante, quais conexões, se alguma, há entre as primeiras três sentenças desse parágrafo que citei? Esses tipos de problemas — a asserção enfática de contradições, o uso de frases sem sentido e a disjunção de suas sentenças — é que fazem Van Til o comunicador estar longe do ideal bíblico de clareza. Como veremos em poucos momentos, Van Til dogmaticamente defende essa confusão como um sinal de piedade e condena o falar claro como ímpio.

VAN TIL O PRESSUPOSICIONALISTA

Sobre o assunto de como o Cristianismo deve ser defendido — o assunto chamado apologética — há basicamente somente duas escolas nesse século, a evidencialista e a pressuposicionalista. Homens como Tomás de Aquino, Charles Hodge, William Paley, e nesse século John Warwick Montgomery, Norman Geisler, e John Gerstner são usualmente considerados evidencialistas. Outros, como Cornelius Van Til e Gordon H. Clark, são pressuposicionalistas. A diferença básica entre as duas escolas, e a explicação de seus nomes, é que os evidencialistas afirmam a validade

dos argumentos para a existência de Deus e a verdade da Bíblia, e os pressuposicionalistas negam a validade dos argumentos. Os pressuposicionalistas argumentam que a existência de Deus e a verdade da Bíblia devem ser assumidas ou pressupostas.

O Professor Van Til é considerado da mesma forma por admiradores e críticos como o próprio Sr. Pressuposicionalista. Um recente livro de três evidencialistas (John Gerstner, R. C. Sproul, e Arthur Lindsley), *Classical Apologetics*, chama Van Til de “sem dúvida, o principal expoente do pressuposicionalismo”. “O Van Tilianismo é quase um sinônimo para pressuposicionalismo...” (183).

ENDOSSANDO AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Surpreendente como possa ser para esses críticos e para alguns admiradores de Van Til, Van Til não rejeita as provas para a existência de Deus, e ele diz isso repetidamente em seus livros. Esse fato o remove do campo pressuposicionalista. Van Til escreve: “Os homens devem raciocinar analogicamente à partir da natureza até ao Deus da natureza. Os homens devem, portanto, usar o argumento cosmológico analogicamente para então concluir que Deus é o criador desse universo... Os homens devem usar também o argumento ontológico analogicamente” (*An Introduction to Systematic Theology* [1971], 102).

Ele continua, citando a si mesmo: “O argumento para a existência de Deus e para a verdade do Cristianismo é objetivamente válido. Não deveríamos rebaixar a validade desse argumento para o nível da probabilidade. O argumento pode ser pobremente declarado, e pode nunca ser adequadamente declarado. Mas em si mesmo o argumento é absolutamente sadio” (*The Defense of the Faith*, [Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1967, terceira edição], 197).

Na mesma página Van Til escreve: “Conseqüentemente, eu não rejeito ‘as provas teístas’ mas meramente insisto em formulá-las de uma forma que não comprometa as doutrinas da Escritura. Isso é o mesmo que dizer que, se a prova teísta for construída como ela deve ser construída, ela é objetivamente válida, seja qual for a atitude daqueles a que ela possa chegar”. Van Til faz o mesmo ponto em outra parte do seu texto, *Apologetics* [1971], (64): “Assim, há absolutamente provas certas para a existência de Deus e a verdade do teísmo crítico”. E na página 65, “os apologistas reformados mantêm que há um argumento absolutamente válido para a existência de Deus e para a verdade do teísmo cristão”.

Um dos estudantes de Van Til e agora professor de apologética e teologia sistemática no Seminário Teológico de Westminster, John Frame, estabeleceu o mesmo ponto: “Van Til não é simplesmente contra as provas teístas como os estudantes freqüentemente imaginam. Pelo contrário, ele lhes dá forte endosso. Mas ele insiste que elas devem ser formuladas numa forma distintivamente cristã, rejeitando qualquer ‘prova’ baseada numa epistemologia não-cristã” (*Foundations of Christian Scholarship*, 301n.). Thom Notaro em seu livro, *Van Til and the Use of Evidence*, (Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1980), estabelece o mesmo ponto, até mesmo achando que “a freqüência com a qual Van Til defende a noção de prova é alarmante...” (65). Eu citei talvez somente um terço dos

endossos de Van Til às provas teístas que têm aparecido em seus escritos publicados.

REJEITANDO AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Por outro lado, Van Til também faz declarações como essa: “Certamente os crentes reformados não procurar provar a existência do seu Deus. Procurar provar ou refutar a existência desse Deus seria procurar negá-Lo. Procurar provar ou refutar esse Deus pressupõe que o homem pode se identificar e descobrir fatos em relação às leis no universo sem referência a Deus. Um Deus cuja existência é ‘provada’ não é o Deus da Escritura”. Ele simultaneamente mantém que “os crentes reformados não procuram provar a existência de seu Deus” e que “os apologistas reformados mantém que há um argumento absolutamente válido para a existência de Deus”.

Há três coisas que devem ser ditas nesse ponto: Primeiro, Van Til nunca formulou as provas teístas “numa forma distintamente cristã”, a despeito de sua “insistência” de que isso foi feito e a despeito das repetidas solicitações do Dr. Gordon Clark para ver a nova versão do Dr. Van Til das provas teístas. Portanto, o Professor Van Til crê na validade de uma prova que ele nunca escreveu.

Segundo, essas visões removem Van Til do campo dos pressupocisionistas. O Professor John Frame, por exemplo, crê que “Cornelius Van Til, em minha opinião, não deve ser agrupado com Gordon Clark como um ‘pressuposicionalista’ como tem sido freqüentemente feito. Van Til, antes, nos apresenta uma epistemologia completa envolvendo temas de todas as três tendências [racionalismo, empirismo e subjetivismo] e mais” (“Epistemological Perspectives and Evangelical Apologetics,” in the *Bulletin of the Evangelical Philosophical Society*, Volume 7, 3-4).

Terceiro, a asserção dogmática de que a existência de Deus tanto pode como não pode ser provada coloca Van Til em sua própria escola de apologética, a qual pode ser chamada de uma escola de apologética não-equilibrada. Van Til, o apologeta, não vive à altura de Van Til, o legendário pressuposicionalista.

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)
Cuiabá-MT, 27 de Julho de 2005.